

Considerações a respeito da “nova política” brasileira na “frente ampla” bolsonarista de 2018

Considerations regarding the “new Brazilian politics” in the bolsonarist “broad front” of 2018

Consideraciones sobre la “nueva política brasileña” en el “frente amplio” bolsonarista de 2018

Matheus Alves Soares¹

Resumo: Pensando na conjuntura das eleições de 2018, o presente artigo pretende analisar o que seria a “nova política” no contexto de algo que se possa entender como uma “frente ampla” antipetista que culminou com a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República. Com base em bibliografia existente, entrevistas e postagens em redes sociais, intentamos discutir o que se entendeu por “nova política”, quais foram os principais nomes desse momento e o que os moveu a se unir naquele cenário, bem como o que hoje faz com que grande parte desse apoio tenha se dissipado, havendo o clamor por uma “terceira via”.

Palavras-chave: Nova política. Bolsonarismo. Eleições de 2018.

Abstract: Considering the context of the 2018 elections, this article intends to analyze what would be the “new politics” in the context of something that can be understood as an anti-PT “broad front” that culminated in the election of Jair Bolsonaro to the Presidency of the Republic. Based on existing bibliography, interviews and posts on social networks, we intend to discuss what is understood by “new politics”, what were the main names of that moment and what moved them to unite in that context, as well as what today does with that much of this support has dissipated, with the clamor for a “third way”.

Keywords: New politics. Bolsonaroism. 2018 elections.

Resumen: Considerando el contexto de las elecciones de 2018, este artículo pretende analizar lo que sería la “nueva política” en el contexto de algo que puede entenderse como un “frente amplio” anti-PT que culminó con la elección de Jair Bolsonaro a la Presidencia de la República. A partir de bibliografía existente, entrevistas y publicaciones en redes sociales, pretendemos discutir qué se entiende por “nueva política”, cuáles fueron los principales nombres de ese momento y qué los motivó a unir en ese contexto, así como lo que hoy se hace con que gran parte de este apoyo se ha disipado, con el clamor por una “tercera vía”.

Palabras clave: Nueva política. Bolsonarismo. elecciones 2018.

¹ Mestrando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: matheussoreshistoria@gmail.com.

Em entrevista ao Jornal Nacional em 28 de agosto de 2018², o então candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro, ao ser questionado sobre o que haveria de novo no que ele afirmava representar, argumentou que, mesmo completando, à época, 27 anos de mandato em cargos legislativos e com três filhos ocupando cargos eletivos em diferentes níveis, sua família seria uma família “limpa” na política, e ele, em seus sete mandatos, faria parte do “baixo clero” na Câmara dos Deputados e estaria livre de acusações de corrupção.

Bolsonaro, durante a campanha, caracterizou-se como um candidato *outsider*, alguém que não fazia parte da política tradicional – referida por ele como “velha política” –, que nunca se envolveu em indicações para cargos ou no que chamava de “toma lá, dá cá”, a troca de favores no meio político. Essa, inclusive, foi uma de suas principais bandeiras de campanha: a promessa de que estaria livre para compor seu ministério apenas por profissionais de qualificação técnica, sem negociar cargos com outros partidos. O candidato procurou se opor ao que é conhecido como a “velha política”, tomando distância das noções de tradicionalidade política para exibir a imagem de candidato que representaria a “nova política”, imune às negociatas tradicionais.

Ao lado disso, Bolsonaro centrou sua oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT) e aos governos de Lula da Silva e Dilma Rousseff. Enfatizando a sua oposição à esquerda, representada em seu discurso pelo PT, o candidato centralizou a narrativa anti-esquerda, anti-petista e anti-comunista, prometendo combater a “ameaça comunista” que, alegava, se instaurara nos governos petistas.

No artigo *¿Qué es lo nuevo de la nueva derecha en Chile? Anticomunismo, corporativismo y neoliberalismo, 1964-1973*, Ernesto Bohoslavsky cita a oposição à esquerda, por vezes relacionada a um forte apelo anti-comunista, como o fator de união de diferentes direitas contra um inimigo em comum. Essa oposição, muitas vezes pautada por noções equivocadas a respeito das dimensões do “perigo comunista”, acaba sendo a bandeira de governos neoliberais e de extrema-direita, como no caso do Chile de Pinochet, estudado no trabalho de Bohoslavsky: “O anticomunismo, mas acima de tudo a anti-política, eram as ideias centrais do novo Conselho de Administração, liderado pelo general Pinochet” (Tradução nossa).³

² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6980200/>>.

³ Original: “El anticomunismo, pero sobre todo la anti-política, eran las ideas-fuerza de la nueva Junta de Gobierno, dirigida por el general Pinochet”. BOHOSLAVSKY, Ernesto. ¿Qué es lo nuevo de la nueva derecha en Chile? Anticomunismo, corporativismo y neoliberalismo, 1964-1973. *História Unisinos*, v. 16 n. 1, p. 5-14, 2012. p. 13.

Pensando nisso, este trabalho dedica-se a entender até que ponto essa lógica foi reproduzida nas eleições brasileiras de 2018, quais foram as suas particularidades e como essa situação vem se desenvolvendo ao longo do governo Bolsonaro. Serão analisadas essas noções de anti-comunismo, anti-petismo e anti-política, buscando entender o grau de importância e de conceituação dessas ideias dentro da frente ampla contra o PT que caracteriza o período atual.

O “homem de bem” e a antipolítica

Em 2018, a antropóloga Isabela Kalil publicou uma pesquisa de campo sob sua coordenação na qual traçou os principais perfis dos eleitores de Jair Bolsonaro. No total, foram 16 perfis descritos sobre o que acreditam e o que repudiam, detalhando suas motivações de voto, sejam a favor de Bolsonaro ou contra alguma outra coisa, entendendo o candidato do Partido Social Liberal⁴ como a opção viável.

O estudo revelou que não existia um grupo específico que pudesse ser definido como “o eleitorado de Bolsonaro”, pois o candidato logrou agrupar recortes cada vez mais diversos da população ao longo da campanha eleitoral. Segundo Kalil, antes do início oficial da campanha, a maioria dos potenciais eleitores era composta por homens, e mais da metade dos eleitores que declaravam voto em Bolsonaro abarcava jovens entre 16 e 34 anos de idade. Contudo, ao longo da campanha, este perfil do eleitor homem jovem foi se tornando cada vez menos homogêneo, ainda que tenha mantido a maior adesão entre a população masculina, com maiores escolaridade e renda:

Considerar esta mudança é relevante para se compreender as estratégias de comunicação do candidato com um público cada vez mais diversificado. Um dos maiores desafios de Bolsonaro ao longo de sua campanha foi o de atrair votos de pessoas que pertencem a grupos identitários por ele atacados em seus discursos, como mulheres, gays, indígenas. A pesquisa considera também estes perfis.

Embora os/as apoiadores/as, simpatizantes e eleitores/as de Bolsonaro componham uma diversidade de pessoas e grupos, é possível apontar determinados valores difusos capturados pela figura do “cidadão de bem”, entre homens e mulheres.⁵

Dessa maneira, compreendemos a eleição de Bolsonaro não simplesmente como uma adesão generalizada à suas propostas, mas também como uma representação de oposição a outras ideias. O estudo de Kalil deixa claro, por exemplo, as ideias de combate à esquerda –

⁴ PSL, dissolvido ao final de 2021 após sua fusão ao partido Democratas (DEM), dando origem ao partido União Brasil.

⁵ KALIL, Isabela Oliveira. *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Out. 2018. (Relatório de Pesquisa). p. 8.

representada pelo PT –, à política tradicional e à corrupção – que é associada veementemente a esse tipo de política e àquele partido – além de envolver noções carentes de profundidade acerca do que se entende por liberalismo econômico.

Neste enquadramento, a solução proposta para corrupção é, em geral, a redução do Estado (Estado mínimo) e a substituição de políticos profissionais por figuras *outsiders* (estratégia amplamente explorada por Bolsonaro) ou por políticos não profissionais. A corrupção é considerada nesta perspectiva como algo ‘inerente’ aos governos, à gestão pública, mas ausente ou pouco presente nas empresas privadas ou grandes corporações.⁶

A respeito das noções de corrupção e de redução do Estado, trataremos mais à frente. Por ora, nos atentemos à ideia de político *outsider*. Bolsonaro, apesar de ocupar cargos eletivos desde 1989, quando foi eleito vereador no Rio de Janeiro, e depois cumprindo mandatos sucessivos como deputado federal até 2018, declarava-se um político *outsider*. Tal característica era atribuída por ele ao fato de sempre fazer parte de camadas pouco influentes na política nacional, beirando a irrelevância, sem participação em qualquer esquema de troca de favores ou de corrupção, o que, em seu discurso, eram as principais características da “velha política”. Ou seja, seria um representante da “nova política” por vir de fora dos círculos tradicionais, em um entendimento de que a política feita pelos representantes mais tradicionais se traduz fundamentalmente por corrupção. Por não ser acusado em esquemas de corrupção durante seus mandatos como deputado, faria parte de um grupo “de fora” da política.

Adentrando um pouco mais nesse argumento, encontramos o que é descrito por Cas Mudde em seu artigo *The paradox of the anti-party party: insights from the extreme Right*⁷. No texto, o autor analisa como alguns partidos da extrema-direita holandesa usam de um discurso contra a política tradicional para se destacarem como organizações que não fazem parte desse meio, atacando principalmente partidos de esquerda, usando de acusações de trocas de favores e corrupção.

A distinção entre os outros partidos e os partidos de extrema direita é simples: os outros partidos são antipopulares, centrados no partido, relíquias do passado corruptas e antidemocráticas; enquanto que os partidos de extrema direita são pró-povo, honestos, verdadeiramente democráticos e a única alternativa real para o futuro. (Tradução nossa)⁸

⁶ KALIL, Isabela Oliveira. *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Out. 2018. (Relatório de Pesquisa). p. 9.

⁷ Em tradução livre: “O paradoxo do partido anti-partido: percepções da extrema-direita.

⁸ Original: “The distinction between the other parties and the extreme-right parties is simple: the other parties are anti-own people, party-centrist, corrupt and anti-democratic relics of the past; whereas the extreme-right parties

Seguindo essa lógica, candidatos de direita e de extrema-direita do Brasil, especialmente aqueles ligados a Bolsonaro, fizeram largo uso do discurso anti-partido – ou anti-tradicionalismo político – seguindo a diretriz que associa diretamente os partidos maiores e mais tradicionais, especificamente ligados à esquerda, a problemas como a corrupção. Nesse sentido, diversos candidatos, mesmo aqueles ligados a partidos tradicionais, declararam apoio a Bolsonaro no segundo turno.

O empresário João Dória Jr., por exemplo, venceu a eleição para a prefeitura de São Paulo em 2016, e posteriormente ao governo do estado de São Paulo em 2018, apresentando-se como um “gestor”, e não um político. Em vídeo veiculado pelo canal no *YouTube* do jornal Estado de São Paulo, no dia 28 de outubro de 2018, Dória aparece, no dia da eleição, vestindo uma camiseta com o *slogan* *#BolsoDoria*. Quando questionado a respeito de uma fala em entrevista coletiva anterior, em que se afirmava como um candidato de centro e creditava a Bolsonaro um posicionamento de centro-direita, o candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) afirmou: “Eu acho que é do centro pra direita. Mas, acima de tudo, ele é brasileiro. Acima de tudo, ele vota, atua, contra a esquerda. Tudo que é contra a esquerda, eu *to a favor*”.⁹

Adiante, na mesma entrevista, Dória refere-se a Bolsonaro como “homem de bem”, um termo bem explorado no já citado trabalho de Isabela Kalil. Trata-se de uma denominação que se refere a um conjunto de condutas nas vidas pública e privada atribuído a cidadãos que se comportam “corretamente”, distinguidos dos corruptos e dos que os apoiam, e se associa a uma determinada agenda política entendida como “legítima”:

É dessa forma que o ‘cidadão de bem’ extrapola as formas de condutas individuais e passa a designar aqueles que não são ‘comunistas’, ‘petistas’ ou ‘de esquerda’ - vistos como apoiadores da corrupção e ‘não trabalhadores’. Trata-se de uma noção específica de pessoa e um sentimento de pertencimento à uma forma correta de estar no mundo.¹⁰

Dessa forma, especialmente no segundo turno, Bolsonaro angaria o apoio dos candidatos que se enquadrariam nessas noções de “cidadão de bem” com agendas anti-esquerda e visão de liberalismo econômico e conservadorismo na vida privada. Assim, apesar dos apoios oficiais de partidos, que, conforme levantamento da Revista Veja divulgado em 9

are pro-people, honest, truly democratic and the only real alternative for the future”. MUDDE, Cas. The paradox of the anti-party party: Insights from the Extreme Right. *Party Politics*, v. 2, n. 2, p. 265 276, 1996. p. 272.

⁹ DÓRIA JR. João. Em dia de eleição, Dória reforça apoio a Bolsonaro e o classifica como centro-direita. São Paulo, 28 out. 2018. Entrevista concedida a Talita Nascimento.

¹⁰ KALIL, Isabela Oliveira. *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Out. 2018. (Relatório de Pesquisa). p. 9.

de outubro de 2018¹¹, não foi generalizado, o candidato do PSL conseguiu apoio de uma frente de candidatos. Até aquele momento, o único partido a declarar apoio oficial a Bolsonaro foi o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), enquanto o candidato do PT Fernando Haddad recebeu a adesão do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Pátria Livre (PPL)¹² e Partido Democrático Trabalhista (PDT). Outros seis partidos declararam neutralidade, sendo eles Partido da Social Democracia (PSDB), Progressistas (PP), Democratas (DEM), NOVO, Solidariedade e Democracia Cristã (DC). Contudo, aos candidatos desses partidos declaradamente neutros fora garantida a liberdade de posicionamento.

Em 28 de outubro de 2018, finda a apuração das urnas no segundo turno das eleições e anunciada a vitória de Jair Bolsonaro, o presidente eleito fez um pronunciamento veiculado na televisão. Ao seu redor, além de sua esposa, equipe de campanha e intérprete de libras, estavam presentes outros políticos. Alguns de seu próprio partido, como Gustavo Bebbiano, então presidente do PSL, e outros candidatos eleitos no mesmo pleito: Hélio Lopes (conhecido como Hélio Bolsonaro), deputado federal pelo Rio de Janeiro, Ruy Irigaray, deputado estadual do Rio Grande do Sul, e Alexandre Frota, deputado federal por São Paulo que posteriormente se filiaria ao PSDB após rompimento com a base governista e expulsão do PSL. Somam-se a esses, visíveis no enquadramento da imagem, Luis Carlos Heinze, eleito senador naquela eleição pelo PP, Onyx Lorenzoni, deputado federal do DEM, e que mais tarde ocuparia cargos no ministério do governo Bolsonaro, e Magno Malta, do Partido Liberal (PL), senador e pastor que, em gesto de aceno à população evangélica, característico da campanha e governo de Bolsonaro, fez uma oração, antes da qual declarou:

Nós começamos essa jornada orando. E o mover de Deus, e ninguém vai explicar isso nunca, [...] os tentáculos da esquerda jamais seriam arrancados sem a mão de Deus. Chegamos, começamos orando, e mais que justo que agora oremos para agradecer a Deus.

Entre as pautas de Bolsonaro, estavam a defesa da “família tradicional”, através da luta contra o comunismo, representada pelo combate às ideias progressistas e ao aborto; a facilitação de acesso a armamento pelo “cidadão de bem”, seu principal mote em relação à segurança pública; a garantia do fim da corrupção; a liberalização da economia, representada por reformas e privatizações; e o fim do “marxismo cultural” mediante projetos de

¹¹ BERTONI, Estevão. Eleições 2018: Veja como os partidos se posicionaram no segundo turno. *Veja*, 9 out 2018.

¹² Incorporado ao PCdoB em 2019.

militarização de escolas e do Escola Sem Partido. Aqueles que defendiam essa agenda seriam os “cidadãos de bem”, seus apoiadores, enquanto os contrários às suas pautas corresponderiam a comunistas, em uma visão maniqueísta do bolsonarismo.

Em artigo analisando a construção do medo e do ódio na campanha presidencial de Bolsonaro, Deysi Cioccarri, Vanderlei Ezequiel e Romer Mottinha lembram que o candidato provocou essa polarização em diversas ocasiões desde anos antes das eleições de 2018, enquanto ainda era deputado federal. Os autores destacam que os alvos dos discursos raivosos do deputado eram, na maioria das vezes, as minorias, e que o ápice da violência na polarização em seu discurso de campanha se deu após o atentado de 06 de setembro de 2018, quando foi alvo de uma facada durante uma passagem por Juiz de Fora, em Minas Gerais. Após este acontecido, o *modus operandi* “nós contra eles” foi intensificado¹³.

Durante a fase final do período eleitoral de 2018, a Folha de São Paulo organizou uma matéria em que citava “11 frases polêmicas de Bolsonaro”¹⁴. Trata-se de uma coletânea de citações, acumuladas em seus 30 anos de carreira política, envolvendo explicitamente apologias à tortura e ao fechamento do congresso com um golpe militar, ataques a minorias étnicas – no exemplo da ocasião em que, em uma audiência pública para discutir a demarcação de uma reserva indígena, em 2008, disse sobre um indivíduo indígena presente que “deveria comer capim ali fora para manter as suas origens”, e da situação em uma palestra no Clube Hebraica, abril de 2017, em fala contra as demarcações quilombolas, em que afirmou ter visitado um quilombo em Eldorado Paulista, São Paulo, narrando que “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriadores servem mais.” – além de ataques à população homossexual, declarando, em entrevista à Revista Playboy, em 2011, que seria incapaz de amar um filho homossexual, e que preferia que um filho morresse em um acidente a que namorasse com um homem. Os exemplos seguem desde a defesa de desigualdade salarial entre homens e mulheres à de fuzilamento de opositores políticos.

Pode-se atribuir as aproximações políticas a Bolsonaro a diferentes fatores, seja a identificação com seu discurso, apego a suas propostas ou por puro e simples aproveitamento político, visto o crescimento da figura do candidato do PSL desde suas primeiras aparições na televisão. Quais delas deveram-se a que razões é uma especulação que não corresponde ao

¹³ CIOCCARI, Deysi; EZEQUIEL, Vanderlei; MOTTINHA, Romer. A eleição de Jair Bolsonaro: A construção do medo e ódio na campanha eleitoral de 2018. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 89-105, 2019. p. 98.

¹⁴ Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 out 2018.

objetivo deste trabalho. O fato é que, mesmo sem apoio oficial de muitos partidos do centro para a direita, na prática, muitos personagens do meio político adotaram as propostas e a agressividade do discurso bolsonarista e se aproximaram da imagem de Bolsonaro como forma de personificar o “cidadão de bem”, o que inclui indivíduos ligados a grupos neofascistas e a partidos ligados a esses grupos. Conforme Odilon Caldeira Neto:

O vertiginoso fortalecimento da candidatura de Jair Bolsonaro à presidência em 2018 conviveu, no entanto, com a inexistência de uma máquina partidária robusta, ora sinalizando ao Partido Ecológico Nacional (PEN - que mudaria de sigla para PRONA, em homenagem a Enéas Carneiro, ou Patriotas), ou mesmo ao Partido Social Livre (PSL), agremiação que até recentemente não era dotada de uma agenda ideológica plenamente definida.

A hipótese e o argumento que aventamos é que, mais do que a existência de um padrão de articulação de grupos neofascistas ao longo da experiência da chamada Nova República, a movimentação das novas direitas ajuda a interpretar de modo mais efetivo a formação de um “bolsonarismo”. Isto é, as organizações neofascistas passam a se aproximar de Bolsonaro – e do bolsonarismo – durante sua fase de crescimento e as agitações das novas direitas, mas o bolsonarismo não é fruto direto das articulações de grupos neofascistas, inclusive porque tais grupelhos não são dotados de expressiva força política.¹⁵

Os argumentos ultraconservadores que ganharam força em reação às ideias progressistas desenvolvidas no espectro da esquerda, largamente utilizados no discurso de Bolsonaro, também seriam um fator aglutinador e causador de viradas ideológicas. Como indica Caldeira Neto, é o caso do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), encabeçado por Levy Fidelix e que também é o partido do vice-presidente na chapa de Bolsonaro, o general da reserva Hamilton Mourão:

No entanto, a ‘viragem’ à direita do PRTB/Levy é algo novo. De fato, em 2010 o partido apoiou a eleição de Dilma Rousseff como instrumento de continuidade das políticas sociais do governo de Luiz Inácio Lula da Silva e do Partido dos Trabalhadores. Já nas eleições de 2014, a campanha presidencial de Fidelix foi pautada pelo conservadorismo e moralismo, em defesa da família heteronormativa. Mais que um procedimento de rearticulação ideológica da legenda e sua liderança, isso decorre da evidência de uma disponibilidade política em grande amplitude, assim como no plano dos presidenciáveis daquele momento.¹⁶

Ou seja, a ascensão da figura de Bolsonaro representou a reação conservadora que se desenvolveu no país desde a transição democrática, com a vantagem de ser visto como um membro de fora da política por não ter ligações com grandes partidos. Ele também se caracteriza pela defesa aberta da ditadura militar brasileira, comemorando o golpe de 1964 e fazendo insinuações como a exaltação ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, conhecido

¹⁵ CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020. p. 134.

¹⁶ CALDEIRA NETO, O. Frente Nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil. *Faces de Clio*. Vol. 2, n. 4, p. 20-36, 2016. p. 29.

torturador do período. Em mais de uma ocasião, elogiou os presidentes das ditaduras militares do Brasil e de outros países da América Latina, como Augusto Pinochet (Chile) e Alfredo Stroessner (Paraguai), provavelmente devendo-se à sua defesa incondicional do rigor militar e do “combate ao comunismo”, pois, conforme Bohoslavsky e Boisard, as extremas-direitas caracterizam-se por uma leitura diferenciada da luta contra o comunismo:

Sempre desrespeitando as instituições democráticas (jogo eleitoral, divisão de poderes, etc.), segue defendendo soluções mais autoritárias baseadas em uma elite auto-selecionada - geralmente de origem militar e religiosa. Faz do uso da violência uma opção política legítima, mesmo necessária em alguns casos. A democracia é vista como um regime fraco que deve ser substituído por uma administração baseada na força. A autoridade, auto instituída e legitimada, deve depender mais das corporações do que dos partidos políticos. (Tradução nossa)¹⁷

Em um artigo dedicado à análise da construção da imagem de Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018, Lucia Moreira Dias e Carla Montuori Fernandes constataam a ascensão do mito do herói salvador, aquele capaz de reparar os erros de uma nação que necessita de uma profunda reestruturação da ordem social¹⁸. Segundo as autoras, a campanha na coligação “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” buscou, através de recursos verbais e não verbais, remeter sempre aos ideais de patriotismo e religiosidade, objetivando personificar em Bolsonaro a imagem desse herói, e se apropriando do discurso do combate à corrupção, apontada como o grande problema do país.

O neoliberalismo e a dispersão da base antipetista

Um questionamento referenciado por Caldeira Neto aponta certa incoerência do neofascismo atual, que teria Bolsonaro como seu representante brasileiro. Tal incongruência deve-se ao fato de o fascismo ser historicamente avesso ao liberalismo econômico, o que inclui a ditadura militar brasileira, que tinha políticas econômicas protecionistas e de Estado forte. Muitas organizações nacionalistas de direita brasileiras, por exemplo, são

¹⁷ “Toujours irrespectueuse des institutions démocratiques (jeu électoral, division des pouvoirs, etc.), elle continue de préconiser des solutions plus autoritaires fondées sur une élite autosélectionnée – en règle générale d’origine militaire et religieuse. Elle fait du recours à la violence une option politique légitime, voire nécessaire dans certains cas. La démocratie est perçue comme un régime faible qui doit être remplacé par une administration reposant sur la force. L’autorité, auto-instituée et autolégitimée, doit s’appuyer sur les corporations plus que sur les partis politiques”. BOHOSLAVSKY, Ernesto; BOISARD, Stéphane. Les droites latino-américaines pendant la guerre froide (1959-1989). *Cahiers des Amériques latines*, n. 78, p. 17-30, 2015. p. 21-22.

¹⁸ DIAS, Lucia Moreira; FERNANDES, Carla Montuori. Campanha de Jair Bolsonaro para presidência em 2018: a construção do Mito Político. *Revista ECCOM*, v. 11, n. 22, 2020. p. 483.

completamente contrárias às privatizações de empresas estatais, pois tal política feriria a soberania nacional.¹⁹

Bolsonaro, ao contrário, alinha-se às ideias neoliberais, sendo enfaticamente favorável à diminuição do Estado e a privatizações de empresas estatais. Contudo, isso não se apresenta como novidade, levando em consideração que o Ministro da Economia, Paulo Guedes, que acompanha Bolsonaro desde antes das eleições de 2018, é fiel discípulo da chamada Escola de Chicago.

A Escola de Chicago é de uma escola de pensamento econômico formada por alguns professores da Universidade de Chicago. Suas ideias se baseiam na defesa do livre mercado e intervenção mínima do Estado e influenciaram as políticas econômicas de Pinochet através dos chamados *Chicago Boys*, que teriam sido um grupo de economistas da Pontifícia Universidade Católica do Chile que seguiam os preceitos dessa metodologia econômica. Não por coincidência, Paulo Guedes, após concluir seu doutorado na Universidade de Chicago na década de 1970, foi para o Chile, onde conheceu em primeira mão as reformas promovidas pelos *Chicago Boys*, que declaradamente anseia reproduzir no Brasil. Ou seja, o alinhamento entre fascismo e neoliberalismo é, agora, mais comum, porém não se trata de uma incoerência mais do que um espantalho do combate ao comunismo:

A essas duas forças [gremialistas e Partido Nacional] somavam-se a capacidade de pressão e as propostas vindas de um grupo de economistas e jornalistas inspirados no neoliberalismo: sem ser explicitamente uma força partidária, os economistas formados na Universidade Católica do Chile, sob o acordo com a Universidade de Chicago, tendiam a assimilar ao regime comunista qualquer modelo econômico que implicasse uma intervenção relevante do Estado na economia (Rosende, 2007; Valdés, 1995). Essas forças estavam ligadas por um temor comum em 1970, decorrente da possibilidade de o candidato da Unidade Popular triunfar nas eleições presidenciais. Assim, o anticomunismo tornou-se o ponto de convergência de diferentes grupos políticos, empresariais, religiosos e universitários da época. (Tradução nossa)²⁰

¹⁹ CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020. p. 135.

²⁰ Original: “A esas dos fuerzas [gremialistas e Partido Nacional] se le sumaban la capacidad de presión y las propuestas provenientes de un grupo de economistas y periodistas inspirados por el neoliberalismo: sin ser explícitamente una fuerza partidaria, los economistas formados en la Universidad Católica de Chile, al amparo del acuerdo con la Chicago University, tendían a asimilar con el régimen comunista a cualquier modelo económico que implicara una intervención relevante del Estado en la economía (Rosende, 2007; Valdés, 1995). Estas fuerzas se encontraban vinculadas por un miedo común en 1970, que provenía de la posibilidad de que el candidato de la Unidad Popular triunfara en las elecciones presidenciales. De allí que el anticomunismo se convirtió en el punto de convergencia de distintos grupos políticos, empresariales, religiosos y universitarios por entonces. BOHOSLAVSKY, Ernesto. ¿Qué es lo nuevo de la nueva derecha en Chile? Anticomunismo, corporativismo y neoliberalismo, 1964-1973. *História Unisinos*, v. 16 n. 1, p. 5-14, 2012. p. 7-8

Com a narrativa das direitas e extremas-direitas do Brasil, de que um Estado grande atrapalha o desenvolvimento e é gerador de corrupção, Paulo Guedes, com seu discurso privatista e pela redução da máquina estatal, foi uma das principais propagandas de campanha de Bolsonaro. O candidato também dedicou uma parte significativa de sua proposta de governo²¹ apresentada ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a defender as privatizações de empresas estatais como uma das formas de diminuir a dívida pública. Ou seja, podemos entender também o discurso neoliberal como um fator de união entre as direitas brasileiras, com exceção das direitas nacionalistas, como mencionado anteriormente.

Portanto, é seguro afirmar que fatores como o antipetismo e o crescimento de ideias neoliberais no Brasil contribuíram para a formação de um bloco de apoio a Bolsonaro, especialmente no segundo turno das eleições de 2018. Contudo, também se percebe que atualmente esse suporte já se dissipou, ao menos em parte. Fatores como a falta de privatizações significativas, a má gestão do governo durante a pandemia do novo coronavírus e acusações de corrupção envolvendo membros do governo contribuíram para que parte da base de sustentação antipetista a Bolsonaro se convertesse em crítica ao que se entende por uma forte polarização política (entre Bolsonaro e Lula da Silva) e clamor por uma “terceira via”. Vejamos os exemplos de dois partidos: PSDB e NOVO.

Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul eleito pelo PSDB em 2018²², que, em entrevista ao programa *Roda Viva* em 20 de julho de 2020, afirmava não se arrepender do “voto com ressalvas” em Bolsonaro, porque “o retorno do PT com um candidato [Fernando Haddad] que buscava conselhos na cadeia, com um ex-presidente que estava preso julgado em segunda instância, seria muito ruim para o país”²³, publicou, em seu perfil no *Twitter* em 20 de julho de 2021, uma declaração em defesa da “terceira via”: “Ninguém chuta cachorro morto. Se não existe 3º via, não sei porque Lula e Bolsonaro estão se preocupando. Depois do tanto que já nos foi roubado, querem agora roubar a nossa esperança”.²⁴

Entende-se, nesse caso, que a esperança seria uma candidatura à presidência que se sobrepusesse ao bolsonarismo e ao petismo.

No mesmo dia, o correligionário de Leite, João Dória Jr, governador de São Paulo eleito pelo PSDB em 2018 sob o slogan *#BolsoDoria*, já referido, publicou em seu perfil no *Twitter* uma declaração de teor semelhante:

²¹ Jair Bolsonaro: Proposta de Plano de Governo.

²² Renunciando ao cargo em abril de 2022.

²³ LEITE, Eduardo. *Entrevista de Eduardo Leite no Programa Roda Viva*. São Paulo, TV Cultura, 20 jul. 2020.

²⁴ Eduardo Leite (Twitter) – <https://twitter.com/EduardoLeite/status/1417532383650254849>.

O sonho do Lula é disputar eleição apenas com o Bolsonaro. O sonho do Bolsonaro é disputar eleição apenas com o Lula. E o sonho dos brasileiros é que os dois percam a eleição.

Não adianta serem contra, a melhor via devolverá a esperança aos brasileiros.
#NemLulaNemBolsonaro²⁵

Esses dois nomes seriam altamente especulados como candidatos à Presidência da República pelo PSDB em 2022. Da mesma forma, o perfil oficial do partido, em 2 de julho de 2021, publicou em sua conta no *Twitter* a seguinte declaração: Quando Bolsonaro e Jean Wyllys se unem? Quando é para criticar a atitude de Eduardo Leite. O Brasil merece um governo longe desses extremos intolerantes.²⁶

João Amoêdo, que concorreu à Presidência em 2018 pelo partido NOVO e declarou voto em Bolsonaro no segundo turno, com ressalvas devidas à falta de defesa de medidas economicamente liberais durante os mandatos como deputado, em entrevista à Folha de São Paulo, publicada em 15 de março de 2021, externou as suas preocupações com o governo. Segundo Amoêdo, um dos deméritos de Bolsonaro seria que suas visões ideológicas extremadas e distorcidas, somadas à gestão desastrosa da pandemia, acabariam por possibilitar a volta da esquerda. Também lamentou a falta de privatizações, dado que entendia Paulo Guedes como um membro de qualidade em um governo desqualificado:

Nas políticas, não tivemos evolução na área econômica, na área educacional. Por último, ele teve um desempenho sofrível na maior crise de saúde que já vivemos. Essa história de que ele estava eliminando a esquerda, isso ficou única e exclusivamente no discurso. A atuação dele está tendo o efeito contrário.

[...] Os escândalos das 'rachadinhas', de cheque na conta da esposa [Michelle Bolsonaro], uma série de fatos que não são explicados, isso tudo criou para a esquerda um discurso muito fácil. É tanta coisa errada que dá argumentos para quem estava na ponta oposta.

A minha avaliação é que ele terá feito um mandato do qual a sociedade sairá mais fraca, no qual ele não terá entregue praticamente nada do ponto de vista de gestão e que pode reforçar o retorno da esquerda que ele tanto dizia combater, por total ineficiência e por uma visão ideológica extremada e distorcida.

[...] Eu não imaginava nada muito positivo, especialmente pelo histórico do Bolsonaro. Nunca teve uma visão liberal nem tinha experiência em gestão de pessoas. Mas, no primeiro momento, ele tinha alguns quadros, como o Paulo Guedes, o [Sergio] Moro, que davam certa credibilidade ao governo. Isso foi desmoronando ao longo do tempo. E ele ainda teve o ônus de assumir a crise na saúde, o que explicitou a incapacidade dele.

[...] Infelizmente, o ministro da Economia [Guedes] acaba hoje fazendo uma figuração. Não tivemos nenhuma privatização nem reforma administrativa nem tributária.²⁷

²⁵ João Dória Jr. (Twitter) – <https://twitter.com/jdoriajr/status/1417556318597140485?s=20>.

²⁶ Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) (Twitter) – <https://twitter.com/PSDBoficial/status/1411080797843603456>.

²⁷ AMOÊDO, João. *Bolsonaro é pior do que a gente imaginava e sua ineficiência pode reforçar volta da esquerda, diz Amoêdo*. [entrevista concedida a] Joelmir Tavares. Folha de São Paulo. 15 mar. 2021.

Da mesma maneira, o partido NOVO, em 9 de março de 2021, divulgando nova diretriz partidária, posicionou-se oficialmente como oposição ao governo Bolsonaro. Essa foi a decisão majoritária dos membros do diretório nacional, encabeçado por Amoêdo, mesmo que parte dos deputados federais do partido não a tenham aderido e se posicionem de maneira contrária. A nota divulgada pelo partido deixa claro o entendimento de simetria entre os governos de Bolsonaro e de Lula da Silva e Dilma Rousseff, na intenção de cativar a ideia de “terceira via”:

Após 2 anos de governo, vemos que o bolsonarismo pode causar tanto mal quanto o petismo aos brasileiros. O NOVO é, e sempre será, oposição a qualquer ideologia política perversa e populista que vá na direção oposta da construção do Brasil que merecemos.

Diante do cenário de nova polarização entre bolsonarismo e petismo que se desenha para 2022, o NOVO trabalhará ainda mais arduamente para que o Brasil tenha um caminho alternativo nas urnas.²⁸

De qualquer forma, ao analisarmos mais precisamente esses partidos que hoje buscam representar ou apoiar uma “terceira via”, encontramos dúvidas quanto a esse discurso. Um exemplo disso vem através da ferramenta “Radar do Congresso”, do portal “Congresso em Foco”, que proporciona dados relativos ao governismo dos partidos na Câmara dos Deputados com base em 735 votações. De acordo com a ferramenta, o NOVO encontra-se com 86% de alinhamento com o governo, já o PSDB, com 87%, com apenas um de seus deputados – o já mencionado Alexandre Frota – abaixo da linha dos 75%. Vemos que, nesses casos, a oposição dos partidos ao presidente, mesmo considerando a independência de seus membros na Câmara, não representaria necessariamente a oposição às propostas de governo.

Considerações finais

Indubitavelmente, a ascensão do nome de Jair Bolsonaro, a partir de poucos anos antes das eleições de 2018, representou um fenômeno singular de unificação das ideologias de direita do Brasil. Diferentes aspectos como o conservadorismo, o neoliberalismo, o antipetismo, a desconfiança nas instituições democráticas, a ideia de centralidade da corrupção e da depravação moral na esquerda, o fanatismo religioso, o temor pela “ameaça comunista” (frequente fator de justificativa para golpes de Estado e ascensão de governos fascistas na América Latina), o aumento da ideologia armamentista e a popularização de

²⁸ Partido NOVO – <https://novo.org.br/novo-divulga-nova-diretriz-partidaria-e-se-posiciona-como-oposicao-ao-governo-bolsonaro/>.

medidas duras de combate à criminalidade (na perspectiva da lei de Talião), certamente apresentam-se como fatores aglutinadores dentro do discurso bolsonarista.

Ernesto Bohoslavsky defende que o ocorrido no Chile, que culminou no golpe de Pinochet, não se trata do surgimento de uma “nova direita”, mas sim da união das direitas tradicionais (diferentes entre si) no combate ao inimigo comum representado pelo comunismo. Para a direita militar, o comunismo representava a desordem e o antipatriotismo; para a direita religiosa, o ateísmo e falta de moralidade. Já a direita liberal temia a interferência estatal característica dos modelos socialistas.²⁹

De certa forma, é possível traçarmos um paralelo com a onda bolsonarista, caracterizada, se não pela união, ao menos pelo apoio de diferentes setores dos espectros de centro até extrema-direita do Brasil no combate a ideias características da esquerda brasileira, vezes relativas a costumes, vezes relativas à economia. Ao mesmo tempo em que noções rasas de comunismo atribuíam esse conceito a partidos como o PT ou a qualquer adversário político de Bolsonaro, transformando o anticomunismo em antipetismo e vice-versa, sentimentos ultraconservadores e neoliberais pareceram unir pessoas em torno de um candidato que atacava a esquerda com mais veemência, e que, com isso, agregava apoio político de personalidades que viam crescer sua popularidade.

Com efeito, acontecimentos como a gestão catastrófica da pandemia, denúncias de corrupção envolvendo a compra de vacinas, manifestações de caráter antidemocrático de apoiadores do presidente demandando fechamento do Supremo Tribunal Federal e intervenção/golpe militar endossadas por ele e por representantes do governo, além de outros fatores que apontam um caráter neofascista do governo de Bolsonaro foram cruciais para a geração de uma oposição advinda do centro e da direita, reforçando a ideia de uma candidatura em 2022 que vença Bolsonaro sem “arriscar” a volta da esquerda. Se essa candidatura representa, de fato, uma “terceira via”, ainda resta saber de quem será e se suas propostas efetivamente se afastarão do polo das direitas tanto quanto do das esquerdas.

²⁹ BOHOSLAVSKY, Ernesto. ¿Qué es lo nuevo de la nueva derecha en Chile? Anticomunismo, corporativismo y neoliberalismo, 1964-1973. *História Unisinos*, v. 16 n. 1, p. 5-14, 2012.

Referências

Fontes digitais (*sites*)

Eduardo Leite (Twitter) – https://twitter.com/EduardoLeite_/status/1417532383650254849.

João Dória Jr. (Twitter) – <https://twitter.com/jdoriajr/status/1417556318597140485?s=20>.

Jair Bolsonaro: Proposta de Plano de Governo – https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf
Partido NOVO – <https://novo.org.br/novo-divulga-nova-diretriz-partidaria-e-se-posiciona-como-oposicao-ao-governo-bolsonaro/>.

Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) (Twitter) – <https://twitter.com/PSDBoficial/status/1411080797843603456>.

Radar do Congresso – <https://radar.congressoemfoco.com.br/governismo/camara>.

Entrevistas

AMOÊDO, João. *Bolsonaro é pior do que a gente imaginava e sua ineficiência pode reforçar volta da esquerda, diz Amoêdo*. [entrevista concedida a] Joelmir Tavares. Folha de São Paulo, 15 mar. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/bolsonaro-e-pior-do-que-a-gente-imaginava-e-sua-ineficiencia-pode-reforcar-volta-da-esquerda-diz-amodo.shtml>> Acesso em: 20 jul. 2021.

BOLSONARO, Jair. *Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional*. Rio de Janeiro, 28 ago. 2018. Entrevista concedida a William Bonner e Renata Vasconcellos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6980200/>> Acesso em: 10 jul. 2021.

DÓRIA JR. João. *Em dia de eleição, Dória reforça apoio a Bolsonaro e o classifica como centro-direita*. São Paulo, 28 out. 2018. Entrevista concedida a Talita Nascimento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8RvYFFZVos>> Acesso em 12 jul. 2021.

LEITE, Eduardo. *Entrevista de Eduardo Leite no Programa Roda Viva*. São Paulo, TV Cultura, 20 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xAPEmP2o6YI&t=3s>> Acesso em: 15 jul. 2021.

Jair Bolsonaro fala ao vivo após ser eleito Presidente do Brasil. *Domingo Espetacular*. São Paulo, TV Record, 28 out. 2018. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BksNm7fDfyg>> Acesso em: 12 jul. 2021.

Referências Bibliográficas

BERTONI, Estevão. Eleições 2018: Veja como os partidos se posicionaram no segundo turno. *Veja*, 9 out 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/eleicoes-2018-veja-como-os-partidos-se-posicionaram-no-segundo-turno/>> Acesso em: 17 jul 2021.

BOHOSLAVSKY, Ernesto. ¿Qué es lo nuevo de la nueva derecha en Chile? Anticomunismo, corporativismo y neoliberalismo, 1964-1973. *História Unisinos*, v. 16 n. 1, p. 5-14, 2012.

BOHOSLAVSKY, Ernesto; BOISARD, Stéphane. Les droites latino-américaines pendant la guerre froide (1959-1989). *Cahiers des Amériques latines*, n. 78, p. 17-30, 2015.

CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CALDEIRA NETO, O. Frente Nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil. *Faces de Clio*. Vol. 2, n. 4, p. 20-36, 2016.

CIOCCARI, Deysi; EZEQUIEL, Vanderlei; MOTTINHA, Romer. A eleição de Jair Bolsonaro: A construção do medo e ódio na campanha eleitoral de 2018. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 89-105, 2019.

DIAS, Lucia Moreira; FERNANDES, Carla Montuori. Campanha de Jair Bolsonaro para presidência em 2018: a construção do Mito Político. *Revista ECCOM*, v. 11, n. 22, 2020.

KALIL, Isabela Oliveira. *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Out. 2018. (Relatório de pesquisa).

MUDDE, Cas. The paradox of the anti-party party: Insights from the Extreme Right. *Party Politics*, v. 2, n. 2, p. 265-276, 1996.

Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 out 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>> Acesso em: 17/04/2022.